

Editorial

Um dos desafios da extensão universitária é desmitificar a elitização do conhecimento, ao considerarmos que fazer extensão é ter a compreensão de que a universidade pública está a serviço da sociedade e que seus anseios e perspectivas precisam ser ouvidos e inter-relacionados com a produção de conhecimento técnico-científico, como forma de retroalimentar o fazer universitário.

Em nossos discursos acadêmicos, falamos em ensino, pesquisa e extensão, os quais estão previstos na Constituição de 1988 e na LDBEN (9394/96). Todavia, na prática, fazer extensão "não é considerado ciência", pois de um modo geral não há o reconhecimento da extensão como um processo basilar para se fazer pesquisa e ensino.

Neste sentido, é preciso invertemos os papéis dentro do se pensar a universidade. Logo, pensar a universidade do futuro é de fato inserir a extensão como forma de integração entre a universidade e a sociedade.

Atualmente, vivemos momentos em que são anunciados pelo Governo Federal riscos à Amazônia e que podem fomentar ainda mais os problemas ambientais e sociais que marginalizam parte das populações vulneráveis existentes nesse território.

Portanto, pensar a Universidade do futuro é integrar as pessoas no espaço da Universidade e pensar em inter-relacionar os saberes socioculturais e os saberes técnico-científicos e sua importância para melhorar o nosso potencial sociocultural amazônico amapaense.

Dra. Raimunda Kelly Silva Gomes

Dra. Janaina Freitas Calado

¹ Doutora em Educação pela UFPA. Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia da Universidade do Estado do Amapá/Brasil. Líder do Grupo de Integração Socioambiental e Educacional (GISAE/UEAP).

² Doutora em Ecologia pela UFRN. Professora Adjunta do Colegiado de Ciências Naturais da Universidade do Estado do Amapá/Brasil. Integrante do Grupo de Integração Socioambiental e Educacional (GISAE/UEAP).